

China: Uma Potência Imperialista ... Ou Ainda não? Uma questão teórica com consequências muito práticas!

Continuação do debate com Esteban Mercatante e o PTS/FT sobre o caráter de classe da China e suas consequências para a estratégia revolucionária

Um livreto (com 11 tabelas) de Michael Pröbsting, Secretário Internacional da Corrente Comunista Revolucionária Internacional (CCRIRCIT), janeiro 22 2022, www.thecommunists.net

Introdução

I. A importância do método dialético

Transição e totalidade, mudanças quantitativas e qualitativas

II. Um resumo de nossa caracterização da China como uma Grande Potência imperialista

Uma definição teórica dos estados imperialistas

O papel da China na economia mundial capitalista

Uma economia atrasada?

O papel militar e político da China no mundo

III. Sobre o caráter desigual e a vulnerabilidade da China

Vulnerabilidade dos Estados Unidos e da União Européia

IV. A questão de Taiwan em seu contexto histórico e geoestratégico

As raízes históricas genuínas do nacionalismo taiwanês

Um assunto subordinado à rivalidade inter-imperialista

V. A China é uma grande potência sem características imperialistas?

O papel-chave do leste e sudeste asiático

VI. O desenvolvimento da China como potência imperialista pode ser abortado?

VII. A China, as guerras imperialistas e as táticas revolucionárias

Um confronto militar sobre Taiwan: o cenário de guerra mais provável

O que um cenário potencial de guerra significaria para os socialistas?

Os interesses da classe são a questão decisiva!

Introdução

O debate atual entre Esteban Mercatante e o autor destas linhas sobre o caráter de classe da China não é, de forma alguma, acidental. Ele reflete antes o fato de que a "questão da China" é uma questão crucial de nosso tempo e que os marxistas precisam ter uma análise e um programa claros sobre esta questão. Sem isso, eles estariam confusos e desorientados na política mundial e na luta de classes global.

Nossa tendência tem apontado repetidamente que a aceleração da rivalidade entre as Grandes Potências imperialistas - entre as quais o conflito EUA-China é o elemento mais importante - é um fator chave no atual período histórico, caracterizado por uma frágil ordem global e a decadência do capitalismo como formação social. Esta crise política e econômica se aprofundará enquanto o mundo for dominado por uma pequena camada de monopólios e por algumas Grandes Potências. Na verdade, no contexto de tal decadência, esta rivalidade entre as Grandes Potências continuará inevitavelmente a aumentar - primeiro sob a forma de sanções e guerras comerciais, guerras por procuração e, finalmente, confrontos militares diretos.¹

Por todas essas razões, a questão da China - ou seja, a questão do caráter de classe de um dos maiores países do mundo em termos de economia, militares, política e população - não é uma questão meramente teórica, mas com fortes consequências práticas. Os socialistas devem ou não tomar o partido da China em tais conflitos?

A *Corrente Comunista Revolucionária Internacional* (CCRI/RCIT), à qual pertence o autor destas linhas, elaborou uma extensa análise da China e de seu desenvolvimento na última década. Chegamos à conclusão de que a China se tornou uma Grande Potência imperialista no início do atual período histórico que se abriu com a profunda recessão da economia global em 2008-09. Explicamos em nossos trabalhos que apesar de todas as peculiaridades e características desiguais em seu desenvolvimento, a China atravessou o Rubicão e se tornou uma potência imperialista, ou seja, um Estado que desempenha um papel fundamental na economia mundial e na política mundial e que explora os países semicoloniais.²

¹ O RCIT lidou em inúmeras ocasiões com a rivalidade inter-imperialista das Grandes Potências. Veja por exemplo RCIT: *Perspectivas Mundiais 2021-22: Entrando em uma situação global pré-revolucionária*, 22 de agosto de 2021, <https://www.thecommunists.net/theory/world-perspectives-2021-22/>; veja também nosso livro de Michael Pröbsting: *Anti-Imperialismo na Era da Rivalidade das Grande potências. Os Fatores por trás da Rivalidade Aceleradora entre os EUA, China, Rússia, UE e Japão. Uma crítica à análise da esquerda e um esboço da perspectiva marxista*, RCIT Books, Vienna 2019, <https://www.thecommunists.net/home/portugu%C3%AAs/livro-o-anti-imperialismo-na-era-da-rivalidade-das-grandes-potencias-conteudo/>; veja também os dois panfletos seguintes do mesmo autor: "Uma briga muito boa". Reunião EUA-China Alasca: A Guerra Fria Interimperialista Continua, 23 de março de 2021, <https://www.thecommunists.net/home/portugu%C3%AAs/realmente-uma-boa-briga/>; Servos de dois senhores. Stalinismo e a Nova Guerra Fria entre Grandes Potências Imperialistas no Oriente e no Ocidente, 10 de julho de 2021, <https://www.thecommunists.net/theory/servants-of-two-masters-stalinism-and-new-cold-war/>; para mais trabalhos sobre este assunto, veja estas sub-páginas: <https://www.thecommunists.net/theory/china-russia-as-imperialist-powers/> e <https://www.thecommunists.net/worldwide/global/collection-of-articles-on-the-global-trade-war/>.

² A RCIT publicou numerosos documentos sobre o capitalismo na China e sua transformação em uma Grande Potência. Veja sobre isto, por exemplo, os seguintes trabalhos de Michael Pröbsting: *Chinese Imperialism and the World Economy*, um ensaio publicado na segunda edição da *The Palgrave Encyclopedia of Imperialism and Anti-*

Tal análise tem importantes conseqüências para a estratégia e as táticas dos revolucionários. Entre elas, os socialistas não devem defender a China em nenhum conflito com outros Estados. Eles têm que tomar uma posição que é chamada na tradição marxista de *derrotismo revolucionário* e que está associada ao famoso slogan de Karl Liebknecht "*O principal inimigo está em casa!*"³

Em contraste com nossa análise, o companheiro Esteban Mercatante - um dos principais teóricos do *Partido Socialista dos Trabalhadores* (PTS) e sua corrente internacional (*Fracción Trotskista*) - considera a China como um "*imperialismo em construção*" pelo qual ele e seus camaradas no PTS/FT caracterizam que a China está em processo de se tornar um Estado imperialista, mas ainda não o é. Consequentemente, eles não aplicam uma política de derrotismo em princípio, mas fazem o apoiar ou não apoiar a China a depender da situação concreta.⁴

Os camaradas do PTS publicaram nosso último debate em seu website.⁵ Este ensaio abordará os argumentos do companheiro Esteban Mercatante em sua última contribuição, a fim de aprofundar o debate e esclarecer o assunto.

Imperialism (editado por Immanuel Ness e Zak Cope), Palgrave Macmillan, Cham, 2020, https://link.springer.com/referenceworkentry/10.1007%2F978-3-319-91206-6_179-1; a transformação da China em uma potência imperialista. Um estudo dos aspectos econômicos, políticos e militares da China como uma grande potência (2012), in: *Revolutionary Communism* No. 4, <http://www.thecommunists.net/publications/revcom-number-4>; A emergência da China como potência imperialista (Artigo na revista americana "New Politics"), in: "New Politics", Verão 2014 (Vol:XV-1, Inteiro nº: 57); Como é possível que alguns marxistas ainda duvidem que a China se tenha tornado capitalista? (Uma Crítica ao PTS/FT), Uma análise do caráter capitalista das empresas estatais chinesas e suas conseqüências políticas, 18 September 2020, <https://www.thecommunists.net/theory/pts-ft-and-chinese-imperialism-2/>; Incapaz de ver a madeira para as árvores (PTS/FT e China). Eclético empirismo e o fracasso do PTS/FT em reconhecer o caráter imperialista da China, 13 de agosto de 2020, <https://www.thecommunists.net/theory/pts-ft-and-chinese-imperialism/>.

³ Para nossa abordagem programática sobre conflitos inter-imperialistas ver, por exemplo, RCIT: Teses sobre o Derrotismo Revolucionário nos Estados Imperialistas, 8 de setembro de 2018, <https://www.thecommunists.net/theory/theses-on-revolutionary-defeatism-in-imperialist-states/>; ver também os capítulos XVI a XX do livro acima mencionado de Michael Pröbsting: *Anti-Imperialismo na Era da Rivalidade das Grandes Potências*. Ver também o ensaio em língua alemã do mesmo autor: *Lenin, die Bolschewiki und ihr Kampf gegen den imperialistischen Krieg. "Umwandlung des imperialistischen Krieges in den Bürgerkrieg"*, <https://www.thecommunists.net/home/deutsch/lenin-und-der-imperialistische-krieg/>

⁴ Você pode ler várias contribuições de Esteban Mercatante sobre a China em espanhol (<https://www.laizquierdadiario.com/Esteban-Mercatante>), bem como em inglês (ver, por exemplo, <https://www.leftvoice.org/china-and-imperialism-elements-of-the-debate/> e <https://www.leftvoice.org/a-tour-of-views-on-chinas-relationship-to-imperialism/>). Seu último livro é "*El imperialismo en tiempos de desorden mundial*". (<https://www.laizquierdadiario.com/El-imperialismo-en-tiempos-de-desorden-mundial>)

⁵ A troca entre os dois ocorreu parcialmente inicialmente na lista Marxmail (pode ser lida [aqui](#)), e mais tarde sob a forma de um diálogo direto. O PTS traduziu e republicou esta troca direta em seu site na seção "*Ideas de Izquierda*". Ela pode ser lida aqui: <https://www.laizquierdadiario.com/El-caracter-de-China-y-sus-consecuencias-para-la-politica-revolucionaria>. Enquanto isso, o texto também foi traduzido e publicado em língua portuguesa no site dos camaradas brasileiros do PTS (<http://www.esquerdadiario.com.br/O-carater-da-China-e-suas-consequencias-para-a-politica-revolucionaria>). A RCIT republicou esta troca em seu site em inglês, assim como em espanhol e português. (Veja <https://www.thecommunists.net/theory/debate-on-capitalism-in-china/>) Todas as citações de Esteban Mercatante são retiradas desta troca se não houver indicação em contrário.

I. A importância do método dialético

No início de sua contribuição, o camarada Mercatante enfatiza a "importância da teorização das formas transitórias". Respondendo-me, ele escreveu: "Para começar, eu gostaria de enfatizar novamente a importância da teorização das formas transitórias. Você apontou a questão do salto da quantidade para a qualidade, mas parte desse processo é o desenvolvimento de toda uma série de transições até que essa mudança qualitativa ocorra. A noção de imperialismo em construção aplicada à China procura dar conta de uma transição, apontando para uma direção (para se consolidar como imperialismo), mas sem considerar inevitável que ela avance em direção a ela."

Em um momento posterior da discussão, sobre a questão de qual lado os socialistas deveriam assumir um conflito entre os EUA e a China, o camarada afirma que tal questão só pode ser decidida caso a caso: "Acredito que tal questão não pode ser determinada a priori, mas por uma 'análise concreta da situação concreta'"

Trataremos mais tarde da questão do caráter de classe da China e das táticas revolucionárias. Neste ponto, queremos pegar as sugestões do companheiro Mercatante de que uma abordagem desta questão precisa ser baseada no método dialético e na importância de ver as coisas concretamente, assim como em seu movimento.

Embora não possamos deixar de concordar plenamente com a ênfase na aplicação do método dialético-materialista, pensamos que o camarada o faz de uma forma unilateral e, em última análise, não dialética. Vamos explicar isto primeiro no nível do método e depois ao discutir concretamente a questão do caráter de classe da China.

Transição e totalidade, mudanças quantitativas e qualitativas

O camarada Mercatante aponta para a importância de se concentrar em uma "série de transições até que essa mudança qualitativa ocorra". "Esta é de fato uma questão altamente relevante, já que dificilmente há um país no mundo que tenha experimentado um desenvolvimento capitalista tão rápido nas últimas três décadas como a China. (O único outro exemplo é o Vietnã). Mas só se pode entender a natureza de um processo de transição se souber onde esse processo começou, para onde ele está indo e em que estágio desse desenvolvimento nos encontramos atualmente. Sem esta abordagem, pode-se reconhecer apenas o processo de transição como tal, mas não a totalidade em que ele está situado. Em outras palavras, as mudanças quantitativas só podem ser entendidas se tais mudanças estiverem localizadas dentro do estágio qualitativo de desenvolvimento.

Isto está relacionado a uma exigência central da dialética materialista: ver a transição - assim como o concreto - não isoladamente, mas em relação a outros processos, outros concretos. Portanto, a transição ou o concreto existe - e só pode existir - como parte de uma determinada *totalidade*. Tal concepção foi magistralmente elaborada pelo filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel cujos trabalhos sobre a dialética foram cruciais para Marx e Engels em sua elaboração do materialista Weltanschauung. Em sua "*Filosofia da Natureza*", Hegel caracterizou a "*substância*" como a "*totalidade*

dos momentos de atualidade".⁶ Partindo dessa abordagem, Marx - em sua famosa *Grundrisse*, a base para a *Capital* - caracterizou a realidade como a "totalidade rica de muitas determinações e relações". "Ele falou sobre o concreto da seguinte forma: "O concreto é concreto porque é uma síntese de muitas determinações, portanto, uma unidade dos diversos".⁷

Da mesma forma, Lenin, em seus *Cadernos Filosóficos*, definiu a "essência da cognição dialética" como "o desdobramento da soma-total dos momentos da atualidade".⁸ Tal abordagem foi defendida por teóricos marxistas posteriores como Abram Deborin, o filósofo líder da URSS na década de 1920, antes da repressão estalinista. Ele formulou esta questão muito bem. "Nada no mundo existe em e de si mesmo, mas tudo existe em relação ao resto da totalidade".⁹ E Georg Lukács, um notável filósofo marxista, embora não sem fraquezas, resumiu a questão na seguinte fórmula pontual: "A primazia da categoria da totalidade é a portadora do princípio da revolução na ciência." ¹⁰

Tal ênfase na categoria de totalidade é decisiva para a compreensão da natureza de um processo de transição. Sem ela, é impossível localizar corretamente o caráter de tal transição e o estágio de seu desenvolvimento. Vemos isso na discussão sobre o caráter de classe da China. Enfatizar o processo de transição só é útil *se for combinado* com uma caracterização clara do estágio de desenvolvimento, com o esclarecimento se a quantidade se transformou em qualidade, se o Rubicão foi atravessado e se a China se tornou essencialmente um estado imperialista.

Sem integrar e subordinar o processo de transição ao reconhecimento da totalidade, ao fixar a mente apenas no próprio processo de transição, corre-se o risco de substituir a análise materialista dialética por uma descrição empírica baseada em um método eclético.

Levar em conta a categoria de totalidade também é crucial para evitar o seguinte perigo. Em nossa discussão sobre o processo de transformação da China em potência imperialista, sempre enfatizamos que é preciso ver sua relação com outros países, com outras Grandes Potências, com a economia mundial, etc. Advertimos que, olhando exclusivamente para a economia chinesa isoladamente, tomando uma lista de verificação se ela está cumprindo este ou aquele critério, pode-se facilmente deixar de reconhecer o caráter geral de classe de um Estado. Assim, sempre insistimos na necessidade de ver a China *em sua relação com outros estados* e, ao fazer isso, levar em conta a totalidade de suas características econômicas, políticas e militares - "*toda a totalidade das múltiplas relações desta coisa com outras*" (Lênin).¹¹

⁶ Georg Wilhelm Friedrich Hegel: *Die Naturphilosophie. Einleitung*; in: *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften, Teil I, Werke 8*, Frankfurt a. M. 1986, p. 284. (nossa tradução). Da mesma forma, Hegel declarou em sua "*Ciência da Lógica*": "É da maior importância perceber e ter em mente esta natureza das determinações reflexivas que acabamos de considerar, ou seja, que sua verdade consiste apenas em sua relação uns com os outros, que portanto cada um em sua própria Noção contém o outro; sem este conhecimento, não se pode realmente dar um único passo em filosofia." (Georg Wilhelm Friedrich Hegel: *Science of Logic*, George Allen & Unwin, Ltd, New York 1969, p. 438)

⁷ Karl Marx: *Grundrisse* [Esboço da Crítica de Economia Política (Rough Draft de 1857-58)]; in: MECW 28, pp. 37-38

⁸ V. I. Lenin: *Conspectus of Hegel's Science of Logic* (1914); in: *Obras Coletadas Vol. 38*, pp. 157-158

⁹ Abram Deborin: *Lenin als revolutionärer Dialektiker* (1925); in: Nikolai Bucharin/Abram Deborin: *Kontroversen über dialektischen und mechanistischen Materialismus*, Frankfurt a.M. 1974, p. 136 [nossa tradução].

¹⁰ Georg Lukács: *O marxismo de Rosa Luxemburgo*, em: *História e Consciência de Classe: Studies in Marxist Dialectics* (1923), The MIT Press, Cambridge 1971, p. 27

¹¹ V. I. Lênin: *Conspectus of Hegel's Science of Logic* (1914); in: *Obras Coletadas Vol. 38*, p. 220

II. Um resumo de nossa caracterização da China como uma Grande Potência imperialista

Tomando a "totalidade das relações" como ponto de partida, concentramos nossa compreensão do caráter de classe da China não apenas em seu desenvolvimento interno - embora esta seja, naturalmente, também uma questão importante - mas também em seu papel no sistema global do imperialismo. Em sua contribuição, o camarada Esteban Mercatante afirma: "*A superioridade da China é acompanhada por uma situação em que o equilíbrio entre o conjunto de dimensões configura uma formação socioeconômica menos "coerente". O que quero dizer com isto? Quero dizer que ainda hoje temos muitas "chinas" dentro da China; um sudeste onde se encontra a mais avançada indústria e tecnologia do mundo, onde se formam as empresas que competem frente a frente com empresas americanas, alemãs ou japonesas para dominar algumas das tecnologias de ponta; enquanto no resto do país a situação é muito mais desigual. Ele também aponta que a China tem uma "produtividade agregada que é um terço da dos EUA".*"

Naturalmente, o camarada está correto ao apontar para estas características. É, em resumo, o resultado do *desenvolvimento tardio da China* como Estado capitalista - e ainda mais como Estado imperialista. Como resultado, ele tem regiões que são basicamente tão modernas quanto os estados ocidentais e outras regiões que são mais atrasadas.

Tudo isso é verdade. Mas a questão decisiva é identificar o personagem principal, a totalidade destas características e relações concretas. Qual é o *resultado* destas características que o camarada identifica?

Uma definição teórica dos estados imperialistas

Começamos com uma breve recapitulação de nossa definição de estados imperialistas, que elaboramos em nossos trabalhos. Isto é importante, pois, em nossa opinião, muitos marxistas não têm uma compreensão teórica clara do que torna um estado imperialista (respectivamente, semicolonial). Outro erro, comumente ocorrido, é o foco unilateral na análise de apenas uma ou duas características específicas de um Estado (por exemplo, seu poder militar, sua exportação de capital, etc.). Em contraste, consideramos como decisivo aplicar uma abordagem dialética que vê a totalidade das características políticas, econômicas e militares, assim como a relação de um determinado estado com outros dentro da ordem mundial capitalista.

Assim, chegamos em nossos trabalhos à seguinte definição teórica do caráter de classe imperialista de um Estado. "*Um Estado imperialista é um Estado capitalista cujos monopólios e aparato estatal têm uma posição na ordem mundial onde dominam, antes de tudo, outros Estados e nações. Como resultado, eles ganham lucros extras e outras vantagens econômicas, políticas e/ou militares de tal relação baseada na superexploração e opressão.*" ¹²

¹² Veja, por exemplo, o livro acima mencionado de Michael Pröbsting: Anti-Imperialismo na Era da Grande Rivalidade do potências, p. 51; veja também, pelo mesmo autor, outro livro: The Great Robbery of the South (O Grande Roubo do Sul). Continuity and Changes in the Super-Exploitation of the Semi-Colonial World by Monopoly Capital Consequences for the Marxist Theory of Imperialism, 2013, <https://www.thecommunists.net/theory/great-robbery-of-the-south/>; Semi-Colonial Intermediate Powers and the

Portanto, o ponto decisivo não é olhar para o desenvolvimento interno da China e a relação das diferentes províncias entre si, nem focalizar apenas esta ou aquela característica, mas analisar o desenvolvimento político, econômico e militar da China *como um todo*, para ver sua *relação com o mundo*, com outros países, com outras Grandes Potências.

De um ponto de vista global, é evidente que a China desempenha um papel de liderança no mundo. Não é um Estado que é dominado - política, econômica ou militar - por outras potências. Ele próprio desempenha um poder dominante. Temos demonstrado isto em nossos trabalhos sobre a China. Neste ponto, nos limitamos a demonstrar o papel dominante da China com a ajuda de alguns fatos e números.

O papel da China na economia mundial capitalista

Independentemente do fato de que a economia doméstica da China seja desenvolvida de forma desigual e que sua produtividade de trabalho fique atrás da das antigas potências imperialistas do Ocidente, ela desempenha, no entanto, um papel dominante na economia mundial.

De acordo com os últimos números, a China havia se tornado a nação líder na fabricação mundial - o coração da produção de valor capitalista global. Em 2019, ela representa 28,7% da produção industrial mundial e em 2020 esta participação já havia crescido para 31,3%. Os Estados Unidos ocupam o segundo lugar, com 16,8%. (Ver Tabela 1) Da mesma forma, tornou-se a economia líder nas exportações mundiais e está numa posição quase igual à dos EUA em termos de importações. (Veja as tabelas 2 e 3)

Tabela 1. 10 principais países por participação na produção global de manufatura em 2019 ¹³

	<i>Participação na produção global de manufatura</i>
China	28.7% (2020: 31.3%)
Estados Unidos	16.8%
Japão	7.5%
Alemanha	5.3%
Índia	3.1%
Coréia do Sul	3.0%
Itália	2.1%
França	1.9%
Reino Unido	1.8%
Indonésia	1.6%

Tabela 2. Participação dos EUA e da China nas Exportações Mundiais de Mercadorias, 2003 e 2020 ¹⁴

	2003	2020
Estados Unidos	9.8%	8.4%
China	5.9%	15.2%

Tabela 3. Participação dos EUA e China na Importação Mundial de Mercadorias, 2003 e 2020 ¹⁵

	2003	2020
Estados Unidos	17.1%	13.9%
China	5.4%	11.8%

Uma economia atrasada?

Alguns de nossos críticos argumentam que tal posição de liderança não reflete todo o quadro, já que os monopólios ocidentais super-explorariam os trabalhadores chineses, ou seja, enquanto a produção ocorre na China, os lucros extras acabam nos bolsos dos acionistas americanos, europeus ou japoneses.

¹⁶ Entretanto, como demonstramos em nossos trabalhos, embora tal mecanismo exista até certo ponto, ele *não é a característica dominante* na relação entre a China e a economia mundial.

¹³ Felix Richter: Estes são os 10 principais países produtores do mundo, Fórum Econômico Mundial, 25.2.2020, <https://www.weforum.org/agenda/2020/02/countries-manufacturing-trade-exports-economics/>; a produção medida em valor agregado em dólares americanos atuais. O valor para a China em 2020 é retirado da Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial: Relatório de Desenvolvimento Industrial 2022. The Future of Industrialization in a Post-Pandemic World, Viena 2021, p. 111.

¹⁴ OMC: World Trade Statistical Review 2021, p. 56

¹⁵ OMC: World Trade Statistical Review 2021, p. 56

¹⁶ Veja sobre isto, por exemplo, Sam King: Imperialismo e o mito do desenvolvimento. How rich countries dominate in the twenty-first century (Como os países ricos dominam no século XXI), Manchester University Press, Manchester 2021. O autor deste livro, um autoproclamado acadêmico marxista, nega fortemente o caráter imperialista da China e questiona, entre outros, minhas obras sobre o imperialismo em geral e a China em

Isto pode ser visto claramente à luz do rápido desenvolvimento dos monopólios *chineses* e dos bilionários *chineses*. Se uma grande parte da mais-valia, criada pelos trabalhadores chineses, acabasse nos bolsos da burguesia monopolista ocidental, esta teria mantido e ampliado sua liderança no ranking mundial. No entanto, o oposto é o caso. Tem sido principalmente a burguesia monopolista chinesa que se apropriou da maior parte da mais-valia criada pelos trabalhadores chineses. Isto se torna muito evidente a partir dos números reais das principais corporações globais, bem como dos bilionários mundiais.

Como se pode ver na Tabela 4, a China tornou-se a nação líder entre os maiores monopólios do mundo (como calculado pela lista da *Fortune Global 500*). Vemos o mesmo quadro quando se trata do ranking global de bilionários. (Veja a Tabela 5)

Tabela 4. Principais 10 países com o Ranking de empresas do *Fortune Global 500* (2020) ¹⁷

<i>Posição</i>	<i>País</i>	<i>Empresas</i>	<i>Ação(em%)</i>
1	China (sem Taiwan)	124	24.8%
2	Estados Unidos	121	24.2%
3	Japão	53	10.6%
4	França	31	6.2%
5	Alemanha	27	5.4%

Tabela 5. China e Estados Unidos lideram a *Lista Hurun Global Rich List 2021* ¹⁸

	<i>2021</i>	<i>Participação dos "Conhecidos" Global Billionaires 2021</i>
China	1058	32.8%
E.U.A	696	21.6%

O camarada Esteban Mercatante, como citamos acima, aponta para o desenvolvimento desigual da economia da China. É verdade, mas no final, a questão decisiva é, se levarmos em conta todos os fatores, qual é a totalidade desses elementos e sua relação uns com os outros? Qual é a totalidade da relação econômica da China com outras potências imperialistas?

Já demonstramos acima o papel de liderança da China em vários campos da economia mundial capitalista. Entretanto, como mostra o último relatório da UNIDO, a China tornou-se não apenas uma economia forte, mas também uma economia muito moderna no campo da tecnologia moderna. Como a Tabela 6 demonstra, a China expandiu rapidamente seu estoque de robôs industriais - uma das áreas-chave do poder econômico-tecnológico. Enquanto sua participação de robôs industriais era de apenas 3,2% em 2010, ela aumentou para 31% em dez anos. Em contraste, a participação das chamadas "*Economias Industrializadas*" - esta é uma categoria econômica burguesa para os países imperialistas ocidentais - diminuiu no mesmo período de 95% para 63%. Como os leitores podem ver nesta tabela,

particular (pp. 76-82, 104, 226); Veja também uma análise atenciosa, mas finalmente errada de Minqi Li: China: Imperialismo ou Semi-Periferia? In: Monthly Review, Volume 73, Edição 3 (julho-agosto de 2021), <https://monthlyreview.org/2021/07/01/china-imperialism-or-semi-periphery/>.

¹⁷ Fortune Global 500, agosto de 2020, <https://fortune.com/global500/> (os números para a ação são nossos cálculos)

¹⁸ Hurun Global Rich List 2021, 2.3.2021, <https://www.hurun.net/en-US/Info/Detail?num=LWAS8B997XUP>

os países que os economistas burgueses chamam de "*economias industriais em desenvolvimento e emergentes*" - ou seja, países capitalistas semicoloniais que são super explorados pelos monopólios imperialistas - possuem apenas uma quantidade insignificante de robôs industriais (cerca de 6% até agora).

Tabela 6. Participação no total de estoques de robôs industriais, 2010 vs. 2020 ¹⁹

	2010	2020
"Economias Industrializadas"	95%	63%
China	3.2%	31%
"Economias Industriais em Desenvolvimento e Emergentes", Europa	0.5%	1.2%
"Economias Industriais em Desenvolvimento e Emergentes", América Latina	0.7%	2.2%
"Economias Industriais em Desenvolvimento e Emergentes", Ásia-Pacífico	0.7%	2.8%

Isto significa que até agora, *só* a China tem metade do número de robôs industriais que todos os países imperialistas ocidentais - os EUA, Europa Ocidental, Japão, Coreia do Sul, Austrália, etc. - combinados! A partir daí, logicamente, a China se tornou a economia líder mundial com o maior número de robôs industriais em operação!

E os robôs industriais não são um exemplo isolado. Na verdade, a China se tornou o número 1 ou 2 em várias indústrias cruciais que definem tendências como Inteligência Artificial, energia renovável ou pesquisa médica - para citar apenas alguns exemplos. ²⁰ Para fazer uma analogia histórica: A China é um florescimento tardio na fase atual do imperialismo, como o Japão e a Coreia do Sul eram antes e como a Alemanha era no final do século 19 e início do século 20.

Em resumo, o camarada Mercatante tem razão ao dizer que "*hoje ainda temos muitas "chinas" dentro da China*". Mas, para os marxistas não é suficiente apontar diferentes características de um fenômeno, que "por um lado há isto e por outro o oposto". A fim de evitar uma abordagem eclética, devemos identificar a *essência*, o elemento principal que domina - os elementos atrasados ou avançados do desenvolvimento capitalista da China? As características atrasadas estão dominando os elementos avançados ou os elementos avançados estão dominando os elementos atrasados? Ou, para dizer de forma mais alegórica, a cidade domina a vila ou o contrário?

Hegel afirmou certa vez que "*a verdade do ser é a essência*". ²¹E, de fato, a questão decisiva é identificar a essência da economia da China? Em nossa opinião, não há dúvida que, apesar de todas as suas características desiguais, a China não é apenas uma grande economia, mas também está entre os

¹⁹ Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial: Relatório de Desenvolvimento Industrial 2022. O Futuro da Industrialização em um Mundo Pós-Pandêmico, Viena 2021, p. 109

²⁰ Veja nestes, por exemplo, Daitian Li, Tony W. Tong e Yangao Xiao: A China está emergindo como líder global em IA? 18 de fevereiro de 2021, <https://hbr.org/2021/02/is-china-emerging-as-the-global-leader-in-ai>; Dominic Chiu: The East Is Green: China's Global Leadership in Renewable Energy, <https://www.csis.org/east-green-chinas-global-leadership-renewable-energy>; Sintia Radu: U.S., China Compete pela Liderança em Pesquisa Médica, 27 de setembro de 2019, <https://www.usnews.com/news/best-countries/articles/2019-09-27/china-threatens-the-us-leadership-position-in-medical-research>

²¹ Hegel's Science of Logic (Traduzido por A.V. Miller; Prefácio por J.N. Findlay), Allen & Unwin, Londres 1969, p. 389

países líderes mundiais em todos os campos relevantes, incluindo as tecnologias modernas. É um país dominado por uma burguesia monopolista que está intimamente entrelaçada com o regime estalinista-capitalista e que desempenha um papel de liderança na economia capitalista mundial.

O papel militar e político da China no mundo

No campo do poderio militar, a China também passou por um rápido processo de recuperação. Como se pode ver nas Tabelas 7, 8 e 9, os Estados Unidos foram e continuam sendo a maior potência militar. No entanto, a Rússia não está muito atrás e a China está se recuperando. Os gastos militares de Pequim são os segundos maiores do mundo, depois dos Estados Unidos. Ela excede em muito a de seus vizinhos e foi maior que os gastos combinados da Índia, Rússia, Japão, Coreia do Sul e Taiwan em 2019. ²² O renomado *Stockholm International Peace Research Institute* (SIPRI) observa: "Os gastos chineses aumentaram por 26 anos consecutivos - a maior série de aumentos ininterruptos de qualquer país no banco de dados de gastos militares do SIPRI." ²³

Tabela 7 . Potências Nucleares Mundiais, 2020²⁴

<i>País</i>	<i>Ogivas instaladas</i>	<i>Outras Ogivas</i>	<i>total de ogivas</i>
EUA	1,800	3,750	5,550
Rússia	1,625	4,630	6,255
Reino Unido	120	105	225
França	280	10	290
China	–	350	350

Tabela 8 . Os Estados Unidos e a China como os maiores gastadores militares do mundo ²⁵

	<i>Gastos Militares em 2020 (em \$Bilhões)</i>	<i>Crescimento dos Gastos Militares 2011-2020 (em %)</i>
E.U.A	778 Bilhões de dólares	-10%
China	252 Bilhões de dólares	+76%

²² Matthew P. Funaiolo, Brian Hart: Understanding China's 2021 Defense Budget, Center for Strategic and International Studies, 5 de março de 2021, <https://www.csis.org/analysis/understanding-chinas-2021-defense-budget>

²³ Instituto Internacional de Pesquisa para a Paz de Estocolmo: Anuário SIPRI 2021. Armamento, Desarmamento e Segurança Internacional, Resumo, pp. 12-13

²⁴ Instituto Internacional de Pesquisa para a Paz de Estocolmo: Anuário SIPRI 2021. Armamento, Desarmamento e Segurança Internacional, Resumo, p. 17

²⁵ Instituto Internacional de Pesquisa para a Paz de Estocolmo: Anuário SIPRI 2021. Armamento, Desarmamento e Segurança Internacional, Resumo, p. 12

Tabela 9 . Os 10 Principais Exportadores de Armas do Mundo, 2016-20 ²⁶

<i>Posição</i>	<i>Exportador</i>	<i>Participação global (%)</i>
1	Estados Unidos	37%
2	Rússia	20%
3	França	8.2%
4	Alemanha	5.5%
5	China	5.2%

Acrescente a isto que, de acordo com o último relatório do Pentágono, a China tem agora a maior marinha do mundo. "A RPC tem numericamente a maior marinha do mundo com uma força de batalha total de aproximadamente 355 navios e submarinos, incluindo aproximadamente mais de 145 grandes combatentes de superfície. A partir de 2020, o PLAN é composto em grande parte por modernas plataformas multi-marinha." ²⁷

Naturalmente, tal desenvolvimento deve ser visto em contexto. Embora a força de batalha da Marinha dos EUA seja de aproximadamente 293 navios no início de 2020, ela permanece muito à frente na métrica chave de tonelagem, o que significa que a Marinha dos EUA opera navios de guerra muito maiores do que a China. A Marinha chinesa se aproxima dos 2 milhões de toneladas, enquanto a Marinha dos EUA supera 4,6 milhões de toneladas, de acordo com uma estimativa de 2019 do *Centro de Segurança Marítima Internacional*. Entretanto, esta diferença também está relacionada a diferentes missões de combate. "Os analistas dizem que parte da razão pela qual a marinha chinesa é mais leve é porque ela está fortemente concentrada na construção de uma força para assegurar esferas regionais de influência no que Pequim considera águas soberanas chinesas, como o Mar do Sul da China e o Mar da China Oriental. A Marinha dos EUA opera navios maiores, como seus 11 porta-aviões, para projetar força ao redor do mundo, e a China não precisa necessariamente de uma marinha de alto mar neste momento para impedir o acesso ao Mar do Sul da China." ²⁸

Como resultado de sua ascensão econômica e também militar, a China desempenha um papel central na política mundial. Isto se reflete não apenas no fato de ser uma das cinco potências de veto nas Nações Unidas. Também se reflete no papel central da *Iniciativa Cinturão e Estrada (Nova Rota da Seda)* da China - a versão de Pequim do Plano Marshall, por assim dizer. Como é conhecido, numerosos países do Sul em todos os continentes aderiram ao projeto *Nova Rota da Seda*. Entretanto, nos últimos anos, vários estados membros da União Européia também começaram a participar desse projeto. Entre eles estão não apenas todos os estados do Leste Europeu, mas também outros como Itália, Áustria, Portugal, Grécia e Chipre. ²⁹

²⁶ Instituto Internacional de Pesquisa para a Paz de Estocolmo: Anuário SIPRI 2021. Armamento, Desarmamento e Segurança Internacional, Resumo, p. 15

²⁷ Pentágono: Desenvolvimento Militar e de Segurança Envolvendo a República Popular da China 2021. Relatório Anual ao Congresso, p. 48

²⁸ Wesley Rahn: A China tem a maior marinha do mundo - e agora para os EUA? Deutsche Welle, 21.10.2020, <https://www.dw.com/en/china-navy-vs-us-navy/a-55347120>

²⁹ Chris Devonshire-Ellis: Os Estados-Membros da União Européia que aderiram à iniciativa "China's Belt and Road Initiative" estão vendo suas exportações crescerem mais rapidamente em quase 5% a mais do que aqueles que não o fizeram, 20 de novembro de 2020, <https://www.silkroadbriefing.com/news/2020/11/20/european-union-member-states-who-joined-chinas-belt-and-road-initiative-are-seeing-their-exports-rise-faster-by-nearly-5-more-than-those-who-have-not/>

Além disso, a transformação da China também se reflete no fato de que todos os governos capitalistas consideram a China como uma Grande Potência. Washington identificou Pequim como seu principal rival - o que é isso, senão o reconhecimento por seu principal inimigo de que a China se tornou uma Grande Potência?! Quando os governos imperialistas da União Européia discutem sua política externa, as principais questões são a) suas relações com os Estados Unidos e b) suas relações com a China. Obviamente, o imperialismo foi suficientemente construído na China para ser reconhecido como um sério rival pelas potências ocidentais!

Em resumo, é evidente que a China se tornou uma potência líder em todos os aspectos - na economia mundial, na política internacional, bem como na corrida armamentista global. Tal potência é definitivamente um Estado imperialista.

III. Sobre o caráter desigual e a vulnerabilidade da China

O companheiro Esteban Mercatante, como citado acima, aponta para o caráter desigual da China, ou seja, para as diferenças substanciais no desenvolvimento econômico das províncias do país. É claro que isto é verdade. Pode-se dizer que, de modo geral, o desenvolvimento entre as províncias ricas e pobres da China difere - se tomarmos como medida a produção econômica per capita - em cerca de 3:1. Em comparação, tal diferença entre os estados dentro dos Estados Unidos não excede cerca de 2:1.

30

O camarada conclui a partir daí: "*Embora hoje nem a Alemanha, nem o Japão, nem qualquer outro país tenha a capacidade da China para desafiar os EUA, nem eles exibem tal vulnerabilidade. Parece-nos que tal conclusão é um exagero*". Vamos explicar.

Claro, as diferenças no desenvolvimento interno da China são um fator importante. E, sem dúvida, elas contêm o potencial de instabilidade e vulnerabilidade. Entretanto, para julgar a vulnerabilidade de um país, não é suficiente ver o estado de seu desenvolvimento econômico. Também é importante levar em conta a direção do desenvolvimento, o estado do regime político, a coesão ideológica da sociedade, etc.

Concordamos plenamente com o camarada que a sociedade chinesa está repleta de contradições e o regime tem que trabalhar duro para controlá-las e contê-las. Pensamos que - dependendo de vários fatores nacionais e internacionais - a China poderá experimentar uma explosão social e uma crise revolucionária dentro dos próximos anos.

Vulnerabilidade dos Estados Unidos e da União Europeia

Mas - e este é um "mas" importante - o mesmo se aplica a vários outros países imperialistas. Na verdade, o mundo inteiro está grávido de desenvolvimentos (pré-)revolucionários e contra-revolucionários! ³¹ Vejam os EUA: no verão de 2020, a maior potência imperialista experimentou uma revolta popular após o assassinato de George Floyd, que abriu uma situação pré-revolucionária. ³² Hoje, uma das questões mais importantes discutidas em todas as publicações do estabelecimento burguês americano - do *New York Times* e *Washington Post* ao *Wall Street Journal* - é a ameaça de uma

³⁰ Veja nesta Wikipédia: Lista das divisões administrativas chinesas por PIB per capita, https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_Chinese_administrative_divisions_by_GDP_per_capita; Wikipedia: Lista de estados e territórios dos Estados Unidos por PIB, https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_states_and_territories_of_the_United_States_by_GDP (ambos acessados em 21.1.2022)

³¹ Veja neste documento, por exemplo, o documento RCIT: Perspectivas Mundiais 2021-22: Entrando em uma situação global pré-revolucionária, 22 de agosto de 2021, <https://www.thecommunists.net/theory/world-perspectives-2021-22/>. Este documento também contém uma série de links para desenvolvimentos revolucionários em países individuais.

³² Veja aqui a compilação de documentos da RCIT sobre a revolta popular após o assassinato de George Floyd: <https://www.thecommunists.net/worldwide/north-america/articles-on-uprising-after-murder-of-george-floyd/>; <https://www.thecommunists.net/home/portugu%C3%AAs/eua-justi%C3%A7a-para-george-floyd/>

iminente guerra civil. Muitos temem que tal explosão política e social possa ocorrer até 2024, no contexto das próximas eleições presidenciais. A classe dominante está profundamente dividida, a classe trabalhadora e as camadas médias estão em convulsão. Digamos, os Estados Unidos são um país menos vulnerável que a China?!

Ou vejamos a União Européia. Deixemos de lado neste ponto os atuais protestos em massa contra as medidas draconianas dos governos capitalistas, sob o pretexto da pandemia.³³ Limitamo-nos a afirmar que estes desenvolvimentos expressam um novo estágio de ruptura na relação entre o Estado capitalista e grandes setores das massas populares na Europa.

Mas tomemos a União Européia como tal. Sempre enfatizamos que a burguesia monopolista européia só tem uma chance de desempenhar um papel de liderança na política e economia mundial se avançar na formação de um aparato estatal pan-europeu imperialista, ou seja, se criar uma espécie de "super-Estado" europeu. Se não o fizer, não será capaz de desafiar outras grandes potências. Só a França ou a Alemanha não são páreo para os Estados Unidos, a China ou a Rússia.³⁴

Vale ressaltar também que a diferença no desenvolvimento capitalista entre os estados membros ricos e pobres da UE - medida em produção econômica per capita - é de cerca de 3:1, nada menos do que na China.³⁵

Como o "Brexit" - a saída da Grã-Bretanha da UE - demonstrou, a União Européia é, como um bloco imperialista unificado, também altamente vulnerável. Sim, ela pode avançar e fortalecer suas estruturas estatais pan-europeias. Mas isto não está de forma alguma garantido, como demonstram as enormes tensões entre os diferentes estados membros da UE. Além disso, vemos que alguns países - por exemplo, na Europa Oriental - têm forte inclinação para os Estados Unidos. Em contraste, há também outros países que se juntaram à iniciativa "Nova Rota da Seda" da China (por exemplo, a Itália) ou que desenvolvem relações econômicas mais estreitas com a Rússia (por exemplo, o gasoduto North Stream 2 da Alemanha com a Rússia). Mais uma vez, perguntamos: a União Européia é realmente menos vulnerável do que a China?!

³³ O RCIT tem analisado a contra-revolução COVID-19 extensivamente desde seu início. A partir de 2 de fevereiro de 2020, publicamos cerca de 125 panfletos, ensaios, artigos e declarações, além de um livro que estão todos compilados em uma sub-página especial em nosso site: <https://www.thecommunists.net/worldwide/global/collection-of-articles-on-the-2019-corona-virus/>.

³⁴ Veja, por exemplo, Michael Pröbsting: The Reformist Pipe Dream of a "Socialist" European Union, 01.10.2018, <https://www.thecommunists.net/theory/is-a-socialist-transformation-of-the-imperialist-eu-possible/>; do mesmo autor: Marxismo, a União Européia e Brexit; agosto de 2016, <http://www.thecommunists.net/theory/eu-and-brexit/>; Michael Pröbsting: A UE representa o "Progresso Democrático Burguês"? Mais uma vez, sobre a UE e as Táticas da Classe Trabalhadora, 16.09.2016, <https://www.thecommunists.net/theory/eu-brexit-article/>; A esquerda britânica e o referendo da UE: as muitas faces do social-imperialismo pró-Reino Unido ou pró-UE. Uma análise do fracasso da esquerda em lutar por uma postura independente, internacionalista e socialista tanto contra o imperialismo britânico quanto o europeu, agosto de 2015 <http://www.thecommunists.net/theory/british-left-and-eu-referendum/>; Americanise or bust'. Contradições e desafios do projeto imperialista de unificação européia (2004), in: Quinta Vol.1, No.2, <http://www.thecommunists.net/theory/eu-imperialism-americanise-or-bust/>; Die Frage der Vereinigung Europas im Lichte der marxistischen Theorie. Zur Frage eines supranationalen Staatsapparates des EU-Imperialismus und der marxistischen Staatstheorie. Die Diskussion zur Losung der Vereinigten Sozialistischen Staaten von Europa bei Lenin und Trotzki und ihre Anwendung unter den heutigen Bedingungen des Klassenkampfes, in: Unter der Fahne der Revolution Nr. 2/3 (2008), <http://www.thecommunists.net/theory/marxismus-und-eu/>

³⁵ PIB per capita, índices de consumo per capita e de nível de preços, 15 de dezembro de 2021, https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php?title=GDP_per_capita,_consumption_per_capita_and_price_level_indices

Em resumo, concordamos com o argumento do camarada Mercatante de que a China é vulnerável como Estado e economia capitalista. Mas acreditamos que tal fragilidade existe também em outras regiões imperialistas.

IV. A questão de Taiwan em seu contexto histórico e geoestratégico

Uma questão importante na argumentação do camarada Mercatante é a referência ao desenvolvimento incompleto da China como potência imperialista. Ele aponta para a falta de bases militares no exterior (ver neste capítulo o próximo), bem como para a questão de Taiwan. Ele escreve: "*Acrescentemos o fato, que em um ponto é "simbólico" mas também não de menor importância, de que estamos falando de um Estado que pretende disputar o domínio mundial e ao mesmo tempo manter reivindicações de soberania sobre Taiwan contra o apoio do imperialismo americano recebido pelo governo pró-independência de Taipei. O senhor levanta, com alguma razão, que qualquer avanço chinês sobre Taiwan poderia ser parte de um conflito entre potências. Mas o fato de que para a China esta é uma condição sine qua non para alcançar a integridade nacional é mais um sinal da natureza contraditória de seu status.*" Esta é uma questão crucial, pois, como veremos mais adiante, o camarada Mercatante considera possível tomar o lado da China em um confronto militar com os Estados Unidos sobre a questão de Taiwan.

Neste ponto, não trataremos das consequências táticas para os revolucionários em tal cenário (ver sobre este último capítulo do ensaio em questão). Vamos antes discutir algumas questões concretas relacionadas com a questão de Taiwan. Primeiro, é crucial ver a questão de Taiwan de um ponto de vista *histórico*. Taiwan foi anexada pela dinastia Qing em 1683. No entanto, enfrentou várias revoltas da população que via as forças do Império como ocupantes. A mais importante delas foi a chamada rebelião de *Lin Shuangwen* (1786-1788). Outra revolta significativa tomou o seu ritmo em 1862-64 sob a liderança de Dai Wansheng.³⁶

Em 1895, a ilha foi ocupada pelo emergente imperialismo japonês que, após algum tempo, impôs um programa de assimilação, forçando as pessoas a adotar sobrenomes japoneses. Os mestres coloniais enfrentaram uma resistência de sete anos e os rebeldes proclamaram uma "*República de Taiwan*" de curta duração.³⁷ Finalmente, com a derrota esmagadora do *Império do Sol Nascente* em 1945, Taiwan foi liberada.

Entretanto, a guerra civil chinesa entre o exército camponês liderado pelo Partido Comunista de Mao e as forças sob o comando do reacionário Kuomintang de Chiang Kai-shek (KMT) teve importantes consequências para a ilha. Depois que as forças maoístas derrotaram o Kuomintang no continente, Chiang Kai-shek recuou com seus partidários para Taiwan. Ele se anunciou como o líder de toda a China e proclamou Taipei como sua "*capital em tempo de guerra*". Com a ajuda do imperialismo norte-americano, Chiang Kai-shek esmagou brutalmente a resistência dos comunistas e da população local. O evento mais importante - que se tornou uma data histórica para o movimento nacionalista taiwanês - é o chamado "*Incidente 2:28*" assim referido por causa de seu início em 28 de fevereiro de 1947. Este foi um levante popular espontâneo contra o regime KMT exigindo alguma forma de autonomia ou independência de Taiwan. As tropas de Chiang Kai-shek esmagaram a rebelião, matando entre 18.000 a 28.000 pessoas em poucas semanas (de acordo com as conclusões de uma comissão oficial em 1992).

³⁶ Veja sobre isto, por exemplo, Ian A. Skoggard: *A dinâmica indígena no desenvolvimento do pós-guerra em Taiwan: as raízes religiosas e históricas do empreendedorismo*, M.E. Sharpe 1996, pp. 14-18; ver também: Willard J. Peterson: *The Cambridge History of China, Volume 9, Parte Um: The Ch'ing Empire to 1800*, Cambridge University Press, Cambridge 2002, p. 269.

³⁷ Melissa J. Brown: *Taiwan é chinês? The Impact of Culture, Power, and Migration on Changing Identities*, University of California Press, Berkeley e Los Angeles 2004, p. 8

Este massacre permitiu que as forças do KMT criassem uma ditadura militar pró-ocidental que existiu até o final dos anos 80.

As raízes históricas genuínas do nacionalismo taiwanês

Uma consequência importante do retiro de Chiang Kai-shek para Taiwan foi o fato de que ele não só trouxe grande parte das reservas de ouro e de moeda estrangeira da China para a ilha, mas também cerca de 2 milhões de pessoas - a maioria soldados, membros do KMT e elites intelectuais e empresariais. Este grupo populacional constituía ¼ do total da população e dominava completamente o aparelho estatal. A ditadura do KMT impôs o mandarim como língua oficial do estado e o taiwanês não era permitido ser falado nas escolas ou nas forças armadas. Somente décadas depois, a cultura taiwanesa foi tolerada e o povo taiwanês nativo foi autorizado a entrar em posições de liderança no estado.

Empreendemos esta breve viagem histórica porque queremos combater o mito - difundido pelo estalinismo chinês e seus partidários - de que Taiwan é simplesmente parte da nação chinesa e que todos os argumentos a favor da autonomia ou independência de Taiwan representariam apenas uma desculpa para uma política anti-China e pró-EUA. Como já demonstramos, isto simplesmente não é verdade. O chauvinismo Han sempre foi uma característica central do regime estalinista na China e as minorias nacionais no Turquestão Oriental, no Tibete e em outras regiões sofreram muito com isso.³⁸ Quando o KMT criou sua ditadura com o apoio do imperialismo americano, eles não reconheceram nenhuma identidade nacional taiwanesa específica. Foi o contrário, promoveram o chauvinismo Han - como seus rivais estalinistas - e reprimiram a população nativa. Assim, o nacionalismo taiwanês e o "separatismo" não é, historicamente, um produto das forças pró-EUA.

O que é verdade é que, mais recentemente, Washington de fato começou a apoiar os sentimentos separatistas taiwaneses. Eles estão fazendo isso por duas razões. Primeiro, o nacionalismo taiwanês se tornou a força dominante. De acordo com uma pesquisa recentemente publicada pelo *Centro de Estudos Eleitorais da Universidade Nacional Chengchi* em Taipei, a maioria da população se identifica como cidadãos taiwaneses e se opõe a uma unificação com a China continental. Mais de 60% dos 23 milhões de pessoas da ilha se identificam como exclusivamente taiwaneses e apenas 2% se identificam como chineses, contra 25% de três décadas atrás.³⁹ Este processo também se reflete no fato de que o *Partido Democrático Progressista* - uma força nacionalista burguesa de Taiwan - venceu as eleições parlamentares no passado recente várias vezes.⁴⁰

³⁸ Veja, por exemplo, Michael Pröbsting: China: Defenda os Uyghurs muçulmanos contra a opressão! 18.10.2018, <https://www.thecommunists.net/worldwide/asia/china-defend-the-muslim-uyghurs-against-oppression/>; pelo mesmo autor: 37 Assinaturas Valem Mil Palavras. Em uma carta de 37 estados, incluindo países muçulmanos, enviada às Nações Unidas defendendo o tratamento dos Uyghurs pela China em Xinjiang, 16 de julho de 2019, <https://www.thecommunists.net/worldwide/asia/37-states-defend-china-s-treatment-of-uyghurs/>

³⁹ Amy Qin e Amy Chang Chien: "Nós somos taiwaneses": China's Growing Menace Hardens Island's Identity, New York Times, 19 de janeiro de 2022, <https://www.nytimes.com/2022/01/19/world/asia/taiwan-china-identity.html>

⁴⁰ Referimo-nos, neste ponto, à análise muitas vezes altamente informativa e atenciosa de Vincent Kolo, um socialista chinês e membro líder do ISA (que tem uma seção em Taiwan). Ver, por exemplo, New Cold War

Em segundo lugar, o imperialismo norte-americano mudou sua abordagem em relação à China há cerca de uma década. Como Pequim tornou-se uma Grande Potência que Washington não podia mais ditar sua política, a administração dos EUA - começando por Obama (o famoso "*pivô para a Ásia*") - mudou sua abordagem em relação a Taiwan. Desistindo da esperança de influenciar a política da China, adotou uma abordagem agressiva de apoiar o impulso de Taiwan para a independência, a fim de enfraquecer Pequim. Entretanto, isto não muda o fato de que o nacionalismo taiwanês tem suas raízes históricas genuínas que nada têm a ver com o imperialismo americano e que, na verdade, foi brutalmente reprimido pela ditadura pró-EUA do KMT por muito tempo.

Um assunto subordinado à rivalidade inter-imperialista

Por todas essas razões, pensamos que os marxistas não têm nenhuma razão para papaguear a propaganda de Pequim de que a "*reunificação da China*", ou seja, a anexação de Taiwan contra a vontade da população local, seria uma demanda progressista.

Entretanto, isto não significa que os socialistas devam "defender Taiwan contra a China". Por quê? Porque a questão de Taiwan se tornou uma questão *subordinada à rivalidade entre os Estados Unidos e a China*. É claro que Taiwan só existe como um Estado independente de fato por causa de seu apoio político e militar por parte de Washington. Para os EUA, Taiwan não é mais do que um instrumento para enfraquecer seu rival chinês. Portanto, os marxistas rejeitam a propaganda ocidental reacionária de que os EUA apoiariam Taiwan a fim de "defender a democracia".

Na verdade, tanto o imperialismo americano quanto o chinês querem controlar a ilha por razões políticas, econômicas e geoestratégicas. O chauvinismo Han se tornou o pilar ideológico mais importante do regime estalinista-capitalista e, conseqüentemente, a "reunificação de Taiwan" é um objetivo primordial. Além disso, o controle de Taiwan é essencial para a dominação do Mar do Sul da China, bem como do Mar da China Oriental. A dominação destes mares, por sua vez, é condição prévia para controlar o mundo, pois esta região é a rota marítima mais importante para o comércio mundial. 60% do comércio marítimo global e mais de 22% do comércio global total passam pelo Mar da China Meridional. Portanto, é apenas lógico que tanto Pequim quanto Washington estejam determinados a controlar esta região. E para conseguir isso, é necessário o controle de Taiwan.

Além disso, há também fatores econômicos diretos que fazem com que ambos os lados estejam determinados a controlar a ilha. Taiwan é líder mundial em vários setores das indústrias de alta tecnologia. Só o principal produtor de chips de Taiwan (TSMC) responde por 54% da participação no mercado global de semicondutores. Até 90% dos semicondutores aplicados pelas empresas tecnológicas americanas - incluindo Apple, Nvidia e Qualcomm - dependem da fabricação taiwanesa. Portanto, qualquer ataque chinês à ilha teria conseqüências devastadoras não apenas para Taiwan em

si, mas também, indiretamente, para as corporações americanas. Portanto, ambos os campos têm também muito boas razões econômicas para controlar a ilha. ⁴¹

Observemos de passagem que no período da guerra civil chinesa até 1949 e mais tarde, quando os EUA apoiaram a ditadura do KMT, os marxistas adotaram uma abordagem diferente. Como nosso movimento elaborou, a China tornou-se um Estado operário deformado, ou seja, um país com uma economia planejada, pós-capitalista e politicamente dominado por uma burocracia estalinista. ⁴² Naturalmente, os socialistas tinham que defender tal estado em qualquer confronto com um país capitalista. Assim, os marxistas tiveram que tomar o partido da República Popular da China em todos os confrontos com o regime do KMT de Taiwan ou do imperialismo americano - como, por exemplo, durante a guerra civil, a Primeira e Segunda Crise do Estreito de Taiwan (em 1954-55 resp. 1958).

Entretanto, esta situação mudou drasticamente com a derrota histórica da classe trabalhadora chinesa em junho de 1989 (o *massacre da Praça Tiananmen*) e a conseqüente restauração capitalista no início dos anos 90. ⁴³ Ela mudou ainda mais quando a China se tornou uma Grande Potência imperialista, na esteira da Grande Recessão de 2008-09.

⁴¹ Veja, por exemplo, RCIT: The Coming Inter-Imperialist War on Taiwan. O derrotismo revolucionário contra as duas grandes potências - os EUA e a China! 10 de outubro de 2021, <https://www.thecommunists.net/worldwide/global/the-coming-inter-imperialist-war-on-taiwan/>

⁴² Ver, por exemplo, League for a Revolutionary Communist International / Workers Power (Britain): A Revolução Degenerada. The Origin and Nature of the Stalinist States (1982), capítulo "Tito and Mao: disobedient Stalinists".

⁴³ Ver LRCI: The Chinese Stalinist's Tiananmen Square Massacre (1989), <https://www.thecommunists.net/theory/tiananmen-massacre/>

V. A China é uma Grande Potência sem características imperialistas?

Vamos agora tratar de outro importante argumento do camarada Mercatante. Este argumento pode ser resumido da seguinte forma. A China é um "Estado imperialista em construção", mas ainda não é uma potência imperialista porque lhe faltam várias características importantes. Tais características são a falta de bases militares no exterior, a ausência de ocupação de outros países, o fato de seu conflito com os Estados Unidos ocorrer em seus mares limítrofes, etc. Para citar o camarada em suas próprias palavras:

"Por outro lado, e esta não é uma questão menor, após a Segunda Guerra Mundial, muitas das potências imperialistas de ambos os lados em conflito reconstruíram seu status como potências como parte de um sistema de alianças que as levou a reconhecer uma posição subordinada em relação aos Estados Unidos. Hoje a China, que desde a viagem Nixon manteve durante décadas uma relação privilegiada com os EUA, encontra-se fora desse sistema de alianças, e em desacordo com ele, além do lugar da China em instituições de governança global como o FMI ou o Banco Mundial, onde coopera com os interesses do capital global. Enfatizo a categoria do imperialismo ao salientar que, como outros estudiosos da China observam, a China está em um estágio inicial de sua implantação imperialista. Concordemos que a China até agora não se mostrou como uma força ocupante fora de seu território (embora dentro de seu território responda duramente a qualquer reivindicação de nacionalidades oprimidas), e que a consolidação de sua ascendência sobre outras nações, especialmente além de suas fronteiras, é apoiada por meios econômicos como investimentos através do projeto Nova Rota da Seda, créditos bilaterais, etc. Não possui rede de bases militares no exterior, e a maior parte de sua força militar é dedicada a conflitos fronteiriços. De volta, é verdade que para muitas potências imperialistas algumas dessas coisas também não acontecem; mas através da OTAN até mesmo as potências militares mais fracas da UE intervêm ativamente em países dependentes e semicoloniais muito mais do que a China."

Parece-nos que o camarada, ao mesmo tempo em que aponta corretamente várias características importantes, não leva em conta outros desenvolvimentos, não menos importantes. Vamos explicar.

É verdade que a China possui atualmente apenas uma base militar em Djibuti e envia tropas para o Sul do Sudão. Sem dúvida, ela quer aumentar sua presença estrangeira, mas estes ainda são planos para o futuro. Da mesma forma, é correto que a China não está ocupando outros países e que a maior parte de sua força militar é dedicada a conflitos fronteiriços.

Todas estas características apontam para uma característica muito importante da China como Grande Potência: é um *Estado imperialista que tardiamente se aproxima*. Quando a China se transformou em uma potência imperialista há cerca de uma década, o mundo inteiro já estava dividido em várias esferas de influência, outras potências possuíam um exército forte e tinham operações militares estrangeiras, etc. Da mesma forma, as instituições econômicas globais imperialistas tradicionais como o FMI e o Banco Mundial eram dominadas pelos imperialistas americanos e europeus.

Na esfera política, financeira e econômica, a China já conseguiu fazer recuar o domínio ocidental. Sua *Iniciativa Nova Rota da Seda* permite a Pequim uma influência econômica e política crucial em numerosos países. Seu controle sobre o *Banco Asiático de Investimento em Infra-estrutura* - uma instituição com 105 estados membros - bem como suas próprias operações financeiras bilaterais puseram efetivamente fim à hegemonia de longa data do FMI e do Banco Mundial. Além disso, a China domina a recém-formada *Parceria Econômica Integral Regional (RCEP)* que inclui 15 nações do

Leste Asiático e do Pacífico. A RCEP é agora o maior bloco comercial do mundo, representando cerca de 30% do PIB mundial. É - para citar a UNCTAD - "*destinado a se tornar (...) um novo centro de gravidade para o comércio global*". " ⁴⁴

Como assinala o camarada Mercatante, a China não tem operações militares estrangeiras. Mas outras potências imperialistas também não tiveram operações militares estrangeiras (Alemanha desde 1945 até o final de 1990) e Japão até hoje. O camarada poderia objetar que esses países fizeram parte do sistema de alianças militares ocidentais dominadas pelos EUA. Mas vimos desenvolvimentos semelhantes também antes da Segunda Guerra Mundial. A Alemanha e os EUA - como potências imperialistas que se aproximavam tarde - tinham apenas algumas operações militares no exterior e ocupavam apenas alguns outros países antes de 1914. ⁴⁵ Ambos os Estados tinham apenas algumas colônias (Alemanha na África, e EUA em Cuba, Porto Rico, Filipinas, etc.). Mas sua influência global como potências imperialistas não resultava principalmente de suas operações militares estrangeiras ou da ocupação de outros países. A Alemanha depois de 1919 até 1938 não teve nenhuma colônia ou operação estrangeira.

O último exemplo é interessante também em relação à sugestão do companheiro Mercatante de que a China ainda não é uma potência imperialista, pois nem mesmo conseguiu sua reunificação nacional. Entretanto, se olharmos para outros exemplos, vemos que esta não é uma característica única da China. A Alemanha - no período após o Tratado de Versalhes em 1919 e na década de 1930 - teve que renunciar ao controle de vários territórios que faziam parte de seu império há muito tempo (por exemplo, Renânia, Alta Silésia, Sarre, etc.). Um processo semelhante ocorreu após 1945, quando grandes partes dos territórios alemães foram anexadas por outros países e a população alemã foi expulsa. Esta situação existe até hoje. Da mesma forma, a Rússia ocupou as quatro ilhas Kuril mais ao sul após a Segunda Guerra Mundial e as mantém sob controle até hoje - contra o veemente protesto do Japão.

O papel-chave do leste e sudeste asiático

O camarada Mercatante aponta para o caráter defensivo ou "fraco" da China, uma vez que não só não possui colônias como é forçado a concentrar suas operações militares em seus mares limítrofes. Formalmente, este argumento é correto. Mas ele perde um ponto crucial sem o qual, em nossa opinião, é impossível entender o papel da China na política mundial e, de modo mais geral, toda a situação mundial como tal.

Este ponto é o fato de que, ao longo das últimas duas décadas, a Ásia - mais precisamente o Leste Asiático, o Sudeste Asiático e o Sul da Ásia - se tornaram a região mais importante para a produção de valor capitalista global. Portanto, embora seja verdade que a China opera suas forças militares em grande parte na região Ásia-Pacífico, isso significa que a China luta pelo domínio da região mais importante da economia mundial.

⁴⁴ UNCTAD: Um Novo Centro de Gravidade - A Parceria Econômica Integral Regional e seus Efeitos Comerciais, 2021, p. 15

⁴⁵ Veja, por exemplo, Richard Sorge (R. Sonter): Der neue deutsche Imperialismus (1928), Dietz Verlag, Berlim 1988.

Já vemos uma indicação disso se olharmos para as quotas regionais do PIB global - embora esta seja uma medida menos precisa para julgar o peso econômico dos países, pois inclui também setores improdutivos e especulativos da economia. Ainda assim, como podemos ver na Tabela 10, Ásia Oriental (sem a China!), o Sudeste Asiático e o Sul da Ásia têm um PIB combinado maior do que o da África, América Latina, Oriente Médio, Europa Oriental e Ásia Central considerados juntos.

Tabela 10. Participações Regionais do PIB Global em 2019, em Taxas de Câmbio de Mercado ⁴⁶

<i>Região</i>	<i>Participação no PIB global</i>
América do Norte	26.6%
Europa (excluído o Reino Unido)	19.9%
China	17%
Ásia-Pacífico	14.1%
Sul da Ásia	3.8%
América Latina	5.9%
Europa Oriental e Ásia Central	3.5%
Oriente Médio	3.2%
África	2.7%
Reino Unido	3.3%

Entretanto, o peso real da Ásia torna-se mais visível se olharmos para a participação regional da manufatura global, ou seja, o setor que cria a maior parte do valor capitalista. Atualmente, a Ásia produz mais da metade da produção industrial global. Como podemos ver na Tabela 11, a China, Japão, Coreia do Sul e os países da ASEAN (Associação de Nações do Sudeste Asiático), sozinhos, têm uma participação combinada na produção industrial global de 38,5%.

"As últimas estatísticas das Nações Unidas mostram que o valor agregado industrial da Ásia aumentou acentuadamente de US\$ 2,7 trilhões em 2000 para US\$ 9,4 trilhões em 2019, com um crescimento nominal médio anual de 6,7%. Durante este período, a participação da Ásia no valor agregado industrial mundial subiu de 35,9% para 50,9%, em contraste com um declínio nos EUA e na Europa Ocidental. Em particular, a participação da China aumentou de 6,4% para 24,9%, enquanto a participação da ASEAN também subiu de 2,8% para 4,8%. A participação do Japão diminuiu à medida que as atividades industriais do país foram deslocadas para locais de produção de baixo custo na Ásia e além. Da perspectiva da RCEP, os 15 membros tinham uma participação combinada de 40,2% em 2019, acima dos 29,4% em 2000. Uma maior liberalização sob a RCEP está programada para promover tal desenvolvimento na próxima década." ⁴⁷

⁴⁶ Department for International Trade (Reino Unido): Global Trade Outlook, setembro de 2021, p. 55

⁴⁷ Wing Chu, Yuki Qian: RCEP: Ásia como Centro Global de Manufatura, Hong Kong Trade Development Council, 2 de dezembro de 2021, p. 1

Tabela 11. Participações Regionais de Valor Agregado Industrial Global em 2019 ⁴⁸

<i>Região</i>	<i>Participação</i>
China	24.9%
Estados Unidos	16.6%
Nordeste da Ásia	8.8%
Japão	6.4%
Coréia do Sul	2.4%
Europa Ocidental	8.7%
Sudeste Asiático (ASEAN)	4.8%
Oceania	1.6%

Esses números demonstram sem dúvida que a região em disputa - Ásia Oriental, Sul da Ásia e Sudeste Asiático - tornou-se o centro da produção e do comércio capitalista mundial. Dito de forma mais direta: a influência dos EUA e suas numerosas bases militares em todos os continentes não são tão decisivas quanto muitas pessoas acreditam. Se o Leste e o Sudeste Asiático (excluindo a China) têm uma produção maior do que todas as outras regiões não imperialistas do mundo juntas, a questão do domínio mundial não é decidida principalmente na Europa, África, América Latina ou no Oriente Médio. Ela é decidida no continente asiático.

Portanto, a luta da China pelo domínio de suas regiões limítrofes não é, objetivamente, apenas uma luta defensiva. É, automaticamente pelas razões mencionadas acima, *também* uma luta pela dominação mundial. O mesmo é verdade para os EUA. É claro que "*Pivot da Asia*" reflete sua agressividade imperialista. Mas, ao mesmo tempo, não há dúvida: se Washington perder a Ásia para a China, seu papel de liderança no mundo terá terminado. Perca a Ásia e o jogo acaba!

⁴⁸ Wing Chu, Yuki Qian: RCEP: Ásia como Centro Global de Manufatura, Hong Kong Trade Development Council, 2 de dezembro de 2021, p. 1

VI. O desenvolvimento da China como potência imperialista pode ser abortado?

Outro pensamento interessante do companheiro Mercatante é sua afirmação de que o desenvolvimento imperialista da China poderia ser abortado. *"Acredito que ainda estamos observando a transformação do Estado chinês em imperialista - atravessado por numerosas contradições internas que poderiam abortar esta transformação, como assinalo nos artigos - e que não seria correto tomá-la como um processo consumado. Nos debates do início do século XX, a caracterização das potências como imperialistas não deixou margem para dúvidas sobre o caráter guerreiro e voraz que estes estados estavam implantando abertamente e cujas capacidades para implantar não estavam "em construção", mas totalmente implantadas."*

Pensamos que isso não é verdade. É claro que a China, como país capitalista, está repleta de todo tipo de contradições típicas de uma sociedade de classe dominada pelo autoritarismo. Mas enquanto a classe trabalhadora chinesa não conseguir derrubar a classe dominante estalinista-capitalista, a China continuará sendo uma forte potência capitalista, ou seja, imperialista. Há apenas uma possibilidade que poderia, de fato, liquidar o caráter imperialista da China: *uma derrota decisiva em uma grande guerra*, resultando na destruição do capital social do país e de sua infra-estrutura econômica.

Tal desenvolvimento não é uma possibilidade teórica, mas muito concreta. Como temos apontado repetidamente, os Estados Unidos e a China estão inevitavelmente caminhando para um confronto militar. Números importantes do Pentágono estimam que uma guerra entre as duas Grandes Potências poderia acontecer até 2024 ou 2026.⁴⁹ Isto não significa que tal confronto deva resultar automaticamente na Terceira Guerra Mundial. Tal guerra poderia ter um caráter limitado e uma guerra mundial poderia acontecer em um momento posterior.

Vimos um cenário semelhante, embora em nível tecnológico muito menos desenvolvido, quando as potências imperialistas ocidentais derrotaram a Alemanha na Primeira Guerra Mundial e lhe impuseram condições draconianas de paz através do Tratado de Versalhes. Nessa época, Lênin e a Internacional Comunista tenderam a ver a Alemanha não mais como um país imperialista, mas sim como um país semicolonial.⁵⁰ Pode-se discutir se os comunistas estavam corretos sobre esta questão, e estou ciente de que esta questão é disputada entre os marxistas. (Pessoalmente, tendo a acreditar que de fato a Alemanha não poderia ser considerada como imperialista nos anos de 1919 a 1923). A questão aqui não é discutir tal questão histórica, mas dar um exemplo do passado para demonstrar que tal transformação de uma potência imperialista para um país não-imperialista não é, de fato, de forma alguma excluída. Mas isso não acontece facilmente, mas requer a derrota de tal estado em uma grande guerra.

⁴⁹ Ver, por exemplo, Michael Pröbsting: "Maritime Freedom" - A Keyword of the U.S./NATO Warmongers, 5 de julho de 2021, <https://www.thecommunists.net/worldwide/global/maritime-freedom-a-keyword-of-the-u-s-nato-warmongers/>

⁵⁰ Ver sobre isto, por exemplo, Evgenij Varga (usando o pseudônimo: Dr. Eugen Pawlowski): Der Bankrott Deutschlands, Verlag der Kommunistischen Internationale, Carl Hoym Nachfolge, Hamburgo 1921; pelo mesmo autor: Deutschland eine Kolonie? Viva Vereinigg Internat. Verlagsanstalten, Berlim 1923; em língua inglesa ver, por exemplo, André Mommen: Stalin's Economist. As contribuições econômicas de Jenő Varga, Routledge, New York 2011, pp. 96-101

VII. A China, as guerras imperialistas e as táticas revolucionárias

Vamos concluir este ensaio discutindo a questão das táticas revolucionárias. Como já indicamos na discussão com o camarada Mercatante, consideramos a questão do caráter de classe da China não apenas como uma questão teórica importante, mas também como uma questão altamente prática e política. Por todas as razões mencionadas acima, a rivalidade entre as Grandes Potências - e em particular o conflito entre os Estados Unidos e a China - tornou-se um eixo chave da situação política mundial. No momento, este conflito assume a forma de sanções, guerras comerciais, ameaças e provocações militares, manobras diplomáticas, campanhas ideológicas "patrióticas", etc. Dada a decadência política e econômica da ordem mundial capitalista, estes conflitos sem dúvida se agravarão e mais cedo ou mais tarde resultarão em guerras entre as Grandes Potências.

A CCCRI/RCIT sempre insistiu que é dever dos marxistas de hoje educar e organizar a vanguarda dos trabalhadores com base em uma *consistente posição anti-imperialista*. Isto significa que os socialistas devem se opor a *todas as* Grandes Potências, que devem rejeitar todas as formas de agressão e campanhas chauvinistas, todas as formas de militarismo, todas as formas de campanha ideológica em favor de um ou outro campo imperialista, etc. Em caso de guerra, como observamos acima, os socialistas precisam tomar uma posição revolucionária e derrotista contra todas as potências imperialistas e tentar explorar as circunstâncias da guerra para trabalhar em prol do derrube dos governos imperialistas e seus aliados.

A maior fraqueza da posição do camarada Mercatante e seus camaradas no PTS/FT é, em nossa opinião, que eles não assumem tal posição. Pelo contrário, o camarada, em sua última contribuição, deixa a porta aberta explicitamente para a possibilidade de que ele sua organização possa tomar uma posição em defesa da China em um conflito com os EUA.

"Em relação aos cenários de guerra, embora os possíveis conflitos possam ser os que você aponta, acredito que o tipo de guerra em questão requer considerar mais elementos, tais como o tipo de alianças que são formadas. Concordo em alertar contra as tendências chauvinistas e os preparativos das classes dirigentes, tanto na China como nos EUA, para apresentar qualquer confronto como uma "defesa", para apresentar qualquer confronto como uma "defesa da nação contra a agressão externa", no primeiro caso, ou uma "defesa da democracia", no segundo, como mostraram semanas atrás com a conferência palhaçada pela democracia na qual Taipé foi um dos grandes convidados dos EUA. Mas, junto com esta advertência, e ciente de que é provável que ocorra uma conflagração na qual a posição correta seja a de pronunciar a derrota de ambos os lados, acredito que isto não pode ser determinado a priori, mas por uma "análise concreta da situação concreta". "

Em nossa opinião, tal abordagem carece de clareza e não é capaz de preparar a vanguarda operária para o grande confronto entre as potências imperialistas. De fato, o camarada pensa que um conflito entre os EUA e a China sobre Taiwan é, do lado de Pequim, *"uma condição sine qua non para alcançar a integridade nacional"*. *"Embora ele não o diga explicitamente, parece-nos que ele e seus camaradas do PTS/FT tomariam o lado da China em tal conflito sobre Taiwan.*

Um confronto militar sobre Taiwan: o cenário de guerra mais provável

Para os socialistas, é crucial em si mesmo afirmar uma posição clara sobre a questão de uma guerra sobre Taiwan. É evidente que Taiwan já é agora uma das questões-chave da política mundial e que se tornará ainda mais nos próximos anos. Isto é "*tão seguro quanto o Banco da Inglaterra*" - para usar um provérbio britânico. As razões são, como indicado acima, políticas, econômicas e geo-estratégicas.

Do ponto de vista do regime de Pequim, Taiwan desempenha um papel central no "*grande rejuvenescimento da nação chinesa*" (Xi). As campanhas patrióticas para a reconquista da ilha são a melhor maneira de reunir grandes setores da população chinesa por trás do regime. O controle sobre ilhas pequenas e despovoadas (e muitas vezes até criadas artificialmente) no Mar do Sul da China tem muito menos apelo patriótico. Isto, naturalmente, também implica que alcançar o objetivo de "*reunir a pátria*" se torna uma condição sine qua non para o regime Xi. Falhar na conquista de Taiwan nos próximos anos resultaria na perda da legitimidade ideológica de Xi e, muito provavelmente, no início de sua queda.

O imperialismo americano também tem fortes interesses ideológicos na questão de Taiwan. Washington pode vender sua campanha ideológica de "defesa da democracia" quando se refere a uma ilha com 23 milhões de habitantes. Esta é uma causa que - pelo menos aos olhos dos setores pró-imperialistas do público interno - poderia justificar o envio de navios de guerra americanos perto das fronteiras da China e o início de uma guerra. É muito menos atraente - mesmo para os burgueses patriotas e camadas da classe média - "defender a democracia" em uma guerra contra alguns foguetes inabitáveis no mar.

Além disso, como já mencionamos acima, Taiwan é de enorme importância econômica e geoestratégica para ambos os campos. Para a China, a conquista de Taiwan abre o caminho para o Pacífico. Para os EUA, é um "*porta-aviões insubmersível*" para conter seu principal rival. Acrescente-se a isso o papel de liderança de Taiwan em vários setores da fabricação de computadores.

Todos esses fatores colocam a questão de Taiwan no centro da rivalidade inter-imperialista entre os Estados Unidos e a China. É inadmissível que os socialistas não tomem agora uma posição clara e inequívoca sobre esta questão. A tarefa é educar a vanguarda operária sobre a natureza deste conflito, sobre os verdadeiros interesses de classe de todos os lados, sobre a abordagem necessária sobre as questões de sanções, guerras comerciais, conflitos militares, campanhas ideológicas, etc.

Nós da CCRI/RCIT consideramos indispensável afirmar claramente que os socialistas não devem apoiar nem o campo imperialista ocidental nem o imperialista chinês. Eles têm que se opor tanto à mentira da propaganda imperialista ocidental de "*defender Taiwan e sua democracia*" quanto à mentira da propaganda imperialista chinesa de "*reunificar a pátria*". A oposição fundamental contra todas as formas de agressão econômica, diplomática e militar dos dois campos - este pode ser o único programa legítimo para os anti-imperialistas consistentes!

O que um cenário potencial de guerra significaria para os socialistas?

Infelizmente, os camaradas do PTS/FT carecem de tal clareza. A abordagem deles é basicamente: "Vamos esperar e ver". *Desenvolveremos nossas táticas se virmos a natureza concreta da guerra (isto é, quando ela já começou).*" Em nossa opinião, tal abordagem é um erro muito grave.

Imagine como uma guerra sobre Taiwan poderia começar. Em 20 de janeiro, por exemplo, o *Exército de Libertação do Povo Chinês (PLA)* - segundo uma agência de notícias estatal - "*expulsou um navio de guerra americano que invadiu as águas territoriais chinesas no Mar do Sul da China*". (...) *Na quinta-feira, o destruidor de mísseis guiados USS Benfold entrou ilegalmente nas águas territoriais chinesas das Ilhas Xisha sem autorização do governo chinês, disse o coronel sênior Tian Junli, porta-voz do Comando do Teatro do Sul do PLA, em um comunicado no dia.*" ⁵¹

Esta foi a primeira vez que o PLA fez tal movimento. Não terminou em um confronto militar. Talvez também não o faça na próxima vez. Mas, mais cedo ou mais tarde, tais conflitos resultarão em uma batalha de armas e perdas de vidas e material. Como nenhum dos lados pode recuar, pelas razões mencionadas acima, tais confrontos resultarão, mais cedo ou mais tarde, em uma quase guerra e, por fim, em uma guerra. Poderemos ter num futuro não muito distante um cenário semelhante ao da *Crise dos Mísseis Cubanos* de outubro de 1962 quando os EUA e a União Soviética - no auge da Guerra Fria - se aproximaram de um conflito nuclear. Se uma situação semelhante ocorrer no Mar do Sul da China, "*o mundo ficará parado*".

Os camaradas do PTS/FT pretendem começar a fazer uma "*análise concreta da situação concreta*" apenas no meio de uma situação tão dramática? Isso seria tarde demais. Tal situação será confusa, cheia de informações contraditórias e o público ficará paralisado pelo perigo de uma grande guerra. Estamos cientes de que os marxistas não são mestres do olhar de bola de cristal, que existem conflitos e lutas de classe que podem se desenvolver de uma forma imprevista. No entanto, o belicismo entre a China e os Estados Unidos sobre Taiwan está se acumulando desde há anos - tal guerra não será um evento repentino ou surpreendente.

Basta lembrar os trágicos dias de julho de 1914, quando a liderança da Segunda Internacional estava confusa e desamparada quando as Grandes Potências mobilizaram seus exércitos, e uma grande guerra se aproximava. Claro, as forças revisionistas de direita eram defensoras social-chauvinistas de suas pátrias imperialistas e não se preocupavam com as circunstâncias concretas de como esta crise evoluía. Mas o centro - com Hugo Haase, Karl Kautsky, Jean Jaurès, Édouard Vaillant e outros - consistia de socialistas que se opunham sinceramente à guerra imperialista. Mas eles não tinham uma compreensão clara nem do caráter de classe da guerra, nem dos critérios para elaborar um programa e táticas corretas, etc. Como resultado, eles sucumbiram à pressão chauvinista da classe dominante e da opinião pública e, no final, relutantemente se juntaram ao campo do social-chauvinismo contra suas intenções honestas iniciais. ⁵²

⁵¹ Liu Xuanzun: PLA expulsa navio de guerra americano que invade águas territoriais chinesas no Mar da China, Global Times, , 20 de janeiro de 2022 <https://www.globaltimes.cn/page/202201/1246499.shtml>

⁵² Existe uma vasta literatura sobre a crise na liderança da social-democracia no início da Primeira Guerra Mundial: George Haupt: *Socialism and the Great War: The Collapse of the Second International*, The Clarendon Press, Oxford 1972; Angelica Balabanoff: *Erinnerungen und Erlebnisse*, E. Laubsche Verlagsbuchhandlung,

Em um dos últimos artigos antes de sua morte, Lênin enfatizou - tirando a lição de 1914 - as dificuldades para os revolucionários na deflagração de uma grande guerra. "*Devemos explicar a situação real ao povo, mostrar-lhes que a guerra está nascendo no maior segredo, e que as organizações de trabalhadores comuns, mesmo que se chamem organizações revolucionárias, estão totalmente indefesas diante de uma guerra realmente iminente*". *Devemos explicar ao povo, uma e outra vez, da maneira mais concreta possível, como as coisas estavam na última guerra, e por que não poderiam ter sido de outra maneira. Devemos fazer um esforço especial para explicar que a questão da "defesa da pátria" irá inevitavelmente surgir, e que a esmagadora maioria dos trabalhadores irá inevitavelmente decidir a favor de sua burguesia. Portanto, primeiro, é necessário explicar o que significa "defesa da pátria". Segundo, em conexão com isto, é necessário explicar o que significa "derrotismo". Finalmente, devemos explicar que o único método possível de combate à guerra é preservar as organizações existentes e formar novas organizações ilegais nas quais todos os revolucionários que participam de uma guerra realizam atividades prolongadas contra a guerra - tudo isso deve ser levado à frente.*" ⁵³

Tal conselho não perdeu sua relevância para os revolucionários de hoje, pois podemos ouvir, novamente, os tambores de guerra do imperialismo e a propaganda chauvinista! Uma escalada sobre Taiwan - até uma guerra em larga escala - pode e irá desencadear grandes desenvolvimentos e forças na história que colocarão extrema pressão sobre os marxistas. Entrar nessa situação sem preparação significa arriscar ziguezaguear, resultando em uma grande derrota.

Em nossa opinião, não há razão para que os camaradas do PTS/FT não devam ser claros e explícitos ao declarar qual posição tomariam em um confronto militar entre os Estados Unidos e a China sobre Taiwan. Os interesses de classe de ambos os campos, as questões em jogo, tudo isso é bastante claro. Se os camaradas consideram a China não como uma potência imperialista "ainda" e se consideram Taiwan como uma parte legítima da nação chinesa, é apenas lógico que estarão ao lado da China em tal conflito. É claro que não pretendemos empurrar os camaradas para tal posição! Em nossa opinião, isto significaria efetivamente apoiar uma das Grandes Potências, ou seja, tal política representaria uma forma de imperialismo social pró-chinês. ⁵⁴ Mas pensamos que não há justificativa para que os camaradas se limitem à formulação algébrica e se limitem a fazer uma "*análise concreta da situação concreta*" no futuro, quando tal cenário de guerra surgir.

Tal abordagem pode deixar os trabalhadores de vanguarda apenas confusos e despreparados. É muito tarde demais para começar a elaborar uma "*análise concreta da situação concreta*" somente quando uma guerra está prestes a começar. Os marxistas têm que pensar e planejar com antecedência. Eles têm que ajudar a vanguarda operária a se preparar política, ideológica e praticamente para tal guerra que, de fato, é inevitável se o proletariado não derrubar a tempo o imperialismo global.

Os interesses da classe são a questão decisiva!

Berlim 1927, pp. 55-74; Jürgen Kuczynski: *Der Ausbruch des Ersten Weltkrieges und die deutsche Sozialdemokratie: Chronik und Analyse*, Akademie-Verlag, Berlim 1957; Karl-Heinz Klär: *Der Zusammenbruch der Zweiten Internationale*, Campus Verlag, Frankfurt a.M. 1981

⁵³ V.I. Lenin: *Notas sobre as tarefas de nossa Delegação em Haia (1922)*; em: LCW Vol. 33, pp. 447-448

⁵⁴ Hoje lidamos com a questão do imperialismo social em várias obras. veja, por exemplo, nosso livro acima mencionado por nosso livro de Michael Pröbsting: *Anti-Imperialismo na Era da Grande Rivalidade do potências, bem como o panfleto Servidores de Dois Mestres. Estalinismo e a Nova Guerra Fria entre as Grandes Potências Imperialistas no Oriente e no Ocidente*.

Para os marxistas, a questão decisiva não é exatamente onde ocorre uma guerra. Nem é exatamente o que é a questão formal da disputa. E também não é relevante qual lado dispara o primeiro tiro. Lênin e a *Internacional Comunista* - e posteriormente a *Quarta Internacional* de Trotsky - sempre defenderam a posição de que a questão decisiva para determinar o caráter de uma guerra é o caráter de classe das forças envolvidas. Num conflito entre um povo (semi-)colonial e uma potência imperialista, os marxistas tomam o lado do primeiro. (Deixamos de lado o cenário em que tal país atua como representante de outra potência imperialista). Nos conflitos entre as grandes potências imperialistas, os socialistas não podem apoiar nenhum dos lados em nenhuma circunstância - independentemente de onde a guerra começa ou qual é a questão em disputa!

Os bolcheviques foram muito claros sobre esta questão. Em uma resolução, adotada na famosa *Conferência de Berna* no final de fevereiro e início de março de 1915, que ajudou o partido a formular suas táticas sobre a guerra imperialista, os revolucionários russos declararam: "*A questão de qual grupo deu o primeiro golpe militar ou a primeira guerra declarada é irrelevante em qualquer determinação das táticas dos socialistas*". *As frases de ambos os lados sobre a defesa da pátria, a resistência à invasão inimiga, uma guerra de defesa, etc., não são nada mais do que decepção do povo.*"⁵⁵

V.I. Lenin e G. Zinoviev - os líderes exilados dos bolcheviques durante a Primeira Guerra Mundial - elaboraram muito claramente a abordagem marxista em seu grande trabalho "*Socialismo e Guerra*". "*A época de 1789-1871 deixou traços profundos e memórias revolucionárias. Antes que o feudalismo, o absolutismo e a opressão alienígena fossem derrubados, o desenvolvimento da luta proletária pelo Socialismo estava fora de questão. Ao falar da legitimidade da guerra "defensiva" em relação às guerras de tal época, os socialistas sempre tiveram em mente precisamente estes objetos, que equivalem a uma revolução contra o medievalismo e a escravidão. Por guerra "defensiva", os socialistas sempre significaram uma guerra "justa" neste sentido (W. Liebknecht uma vez se expressou exatamente desta forma). Somente neste sentido os socialistas consideraram, e agora consideram as guerras "para a defesa da pátria", ou guerras "defensivas", como legítimas, progressivas e justas. Por exemplo, se amanhã, Marrocos declarasse guerra à França, Índia à Inglaterra, Pérsia ou China à Rússia, e assim por diante, essas seriam guerras "justas", "defensivas", independentemente de quem atacou primeiro; e todo socialista simpatizaria com a vitória dos Estados oprimidos, dependentes, desiguais contra as "grandes" potências opressoras, escravizadoras e predadoras. Mas imaginem para vocês mesmos um proprietário de escravos que possuía 100 escravos em guerra contra um proprietário de escravos que possuía 200 escravos para uma distribuição mais "justa" de escravos. Claramente, a aplicação do termo guerra "defensiva", ou guerra "para a defesa da pátria" em tal caso seria historicamente falsa, e na prática seria pura decepção do povo comum, dos filisteus, dos ignorantes, pelos astuciosos proprietários de escravos. Justamente desta forma, a burguesia imperialista atual está enganando os povos através da "ideologia nacional e do termo "defesa da pátria na atual guerra entre os proprietários de escravos para fortificar e fortalecer a escravidão".*"⁵⁶

A questão decisiva para determinar o caráter de uma guerra é o caráter de classe dos participantes e seus respectivos interesses de classe. Portanto, uma análise clara do caráter de classe da China - é ou não uma potência imperialista ("ainda") - é uma condição prévia para se tomar uma posição correta em qualquer confronto. Trotsky também enfatizou a necessidade dos marxistas fazerem uma análise tão clara em um Manifesto programático publicado em 1940, após o início da Segunda Guerra Mundial: "*Ensinar corretamente os trabalhadores a entender o caráter de classe do Estado imperialista,*

⁵⁵ A Conferência dos Grupos R.S.D.L.P. no Exterior (1915), Resolução sobre o Slogan "Defesa da Pátria", in: LCW Vol. 21, p. 159

⁵⁶ V.I. Lenin / G. Zinoviev: *Socialismo e Guerra* (1915); in: LCW Vol. 21, pp. 300-301

colonialista, operário - e as relações recíprocas entre eles, assim como as contradições internas em cada um deles, permite aos trabalhadores tirar conclusões práticas corretas na situação. “⁵⁷

Em nossa opinião, é decisivo para os socialistas remover qualquer dúvida e qualquer falta de clareza. É errado considerar a China como não sendo “ainda” um Estado imperialista. Não, já é uma Grande Potência. Tal análise é a condição prévia para educar e preparar a vanguarda operária em um espírito anti-imperialista consistente. Não há apoio para nenhum dos dois campos imperialistas - sob nenhuma circunstância! A CCRI/RCIT resumiu este programa no slogan: *Trabalhadores e oprimidos: Lutem contra todas as Grandes Potências do Oriente e do Ocidente!*

Independentemente de nossas diferenças com o camarada Mercatante e o PTS/FT, consideramos este debate como altamente importante e frutífero. De fato, o lugar central da rivalidade entre os EUA e a China na atual situação política mundial torna a continuação de tal discussão uma necessidade urgente para os marxistas!

⁵⁷ Manifesto da Quarta Internacional sobre a Guerra Imperialista. A Guerra Imperialista e a Revolução Proletária Mundial. Adotado pela Conferência de Emergência da Quarta Internacional, 19-26 de maio de [1940](http://www.marxists.org/history/etol/document/fi/1938-1949/emergconf/fi-emerg02.htm), <http://www.marxists.org/history/etol/document/fi/1938-1949/emergconf/fi-emerg02.htm>